

EUA vetam, mas Brasil ganha novo crédito.

São US\$ 80 milhões para três bancos brasileiros financiarem importações. E US\$ 100 milhões para investimento nas Bolsas de Valores.

Com o voto contra dos Estados Unidos, mas 21 outros a favor, foi aberta uma linha de crédito de US\$ 80 milhões a três bancos brasileiros, enquanto que por unanimidade, ainda, ficou autorizada a participação da International Finance Corporation na aplicação de US\$ 100 milhões nas Bolsas de Valores do Brasil, ontem, durante uma reunião da diretoria do Banco Mundial.

Os Estados Unidos votaram contra a abertura de uma nova linha de crédito "porque o Brasil está em moratória". E esta posição foi interpretada como um perigoso prenúncio de uma rota de colisão entre norte-americanos e brasileiros, no Banco Mundial.

Mas os Estados Unidos ficaram isolados quando os 21 outros diretores, representando cerca de 150 países-membros do Banco Mundial mantiveram-se unidos pelo argumento de que "a operação envolvendo US\$ 80 milhões não podia ser caracterizada como um apoio de balança de pagamento, mas apenas um empréstimo específico para repasse a indústrias de médio e grande portes".

O diretor kuwaitiano, Fawzi Hamad Al-Sultan, falando em nome de 14 países do Oriente Médio, ou 7,09% dos votos, defendeu o Brasil dizendo que não podia concordar com os Estados Unidos (18,74% dos votos) porque afetaria a credibilidade do Banco Mundial se ele e sua coligada, a International Finance Corporation, ou IPC, passarem a limitar as operações com países atravessando um momento de dificuldades. Ele chegou a lembrar a relação antiga entre o Banco Mundial e o Brasil, concluindo que a segunda operação aprovada ontem, a de aplicação de um fundo de US\$ 100 milhões no mercado brasileiro de capitais, "demonstra que grandes corporações americanas estão acreditando no País".

O representante americano "não falou mais nada", conta um diretor executivo assistente do Banco Mundial, Eimar Avillez. "Poucos falaram a seguir. Os diretores alemão, australiano e chinês deram seu apoio. E o pacote foi todo aprovado. Importante, que essa operação de US\$ 80 milhões é a maior da história da IFC. Vai financiar importações na área têxtil, eletrônica, de autopeças e maquinário em geral. Era uma operação importante, que a IPC deveria ter em seu **portfolio**. Os bancos envolvidos (o Itaú, o Unibanco e o Bozano Simonsen) são de primeira linha, com carteiras muito diversificadas e com uma grande capacidade de gerenciamento."

Mas para Eimar Avillez "o mais importante é a demonstração de confiança na economia brasileira, por um outro segmento do mercado financeiro americano, como os de fundos de pensão, os investidores institucionais, diferente do segmento representado pelos bancos comerciais. Aparentemente, a situação não está tão negra como pinta a imprensa americana. Aqueles que aplicam, que fazem investimento a longo prazo, têm muito interesse pela economia brasileira".

Um desses investidores é Jack Arena, da Battery March, a distribuidora de títulos de Massachusetts, que criou o fundo de US\$ 100 milhões que vai ser aplicado nas Bolsas de Valores do Brasil, confirma o diretor Eimar Avillez. Ele declarou ao JT, no final da tarde de ontem, por telefone, que acha que acredita no Brasil até mais que muitos brasileiros:

"Vocês têm um potencial fantástico" — ele exclamou, informando que os US\$ 100 milhões estarão aplicados "em três semanas", no final de setembro e começo de outubro.

Segredo

O projeto da Battery March de levantar dinheiro nos Estados Unidos e investir em capital social no Brasil já tem vários meses, mas só se tornou possível depois de criada uma nova legislação brasileira. "Agora podemos formar um grupo e aplicar, desde que tenhamos um representante local, que é o Bozano Simonsen".

O sr. Arena sabe que é xará de um extinto partido político do Brasil, voltou muito impressionado de uma viagem que fez ao Rio, seguirá na semana que vem para São Paulo e passa muito tempo ao telefone com os novos sócios brasileiros. Mas ele não diz quem são os investidores reunidos no fundo de US\$ 100 milhões, que inclui a participação, em até US\$ 20 milhões, da IPC, aprovada ontem pelo Banco Mundial.

"Os nomes são confidenciais", ele diz, mas explica: "A maioria são fundos de pensão e instituições isentas de imposto".

Este seria um bom momento para investir no Brasil? Ele próprio não foi surpreendido pela moratória, tendo iniciado o projeto antes? Jack Arena sorri, lembra que alguns clientes ficaram preocupados com a dívida brasileira, a inflação crescente, a nova Constituição... "mas há o outro lado da moeda" — ele acrescenta: "O investimento no Brasil é muito atraente. O potencial de crescimento econômico do país, com quase 140 milhões de habitantes, impressiona, são imensos os recursos naturais. A longo prazo, alguns dos problemas deverão ser resolvidos, incluindo o da dívida. O potencial é muito bom, muito promissor, e é isto que sentimos".

Durante a reunião da diretoria da International Finance Corporation, que é praticamente a mesma da do Banco Mundial, um diretor, o australiano, perguntou: "Quanto que a IFC cobrou?"

Explica-se: ela é que teve a idéia e apresentou a Bozano Simonsen para a Battery March. Acompanhou o projeto desde o princípio. E ajudou o governo brasileiro a elaborar a legislação que torna possível a operação. "A IFC vai participar de um fundo que capta recursos para investimento e aguardará as taxas de retorno", respondeu-se ao diretor australiano. "A IFC vai ganhar com a rentabilidade do fundo. As únicas taxas cobradas são de administração; pertencendo à Bozano e à Battery."

Por que o Brasil? — perguntamos também ao diretor executivo do Banco Mundial, Eimar Avillez. "Porque os investidores estão sentindo que o mercado é promissor. A IFC vinha negociando o Fundo Brasil, que é uma oferta pública liderada pelo First Boston. Vinha discutindo com investidores americanos. Descobriu o grande interesse existente. E partiu para o **Private Placement**, a colocação privada, do mesmo valor do Fundo Brasil, a oferta pública, de US\$ 100 milhões. Esta é a primeira operação deste tipo. E, realmente tem uma característica muito importante, a de ir contra a tendência do mercado bancário, que está fechado para o Brasil desde 1983, a não ser via renegociação da dívida".

Moisés Rabinovici, de Washington



O almoço de ontem: os brasileiros não entenderam o inglês do banqueiro?

Valério Ayres